

## A Pirâmide de Intervenção Integrada em Desenvolvimento

Os elementos do modelo de intervenção que consideramos úteis para o trabalho clínico com uma grande variedade de bebés, crianças e suas famílias pode ser representado sob a forma de pirâmide. Na base da pirâmide de intervenção estão os padrões familiares estáveis, estimulantes e apoiantes do desenvolvimento de que todas as crianças necessitam, especialmente aquelas com factores de risco para o seu desenvolvimento. Esta base inclui a protecção física e a segurança, e o sentir-se permanentemente protegido. Algumas famílias necessitam de muito apoio e/ou terapia para poderem estabilizar e organizar estas funções parentais básicas. A família pode ter que lidar com uma pobreza extrema ou com situações crónicas de receio. As relações no seio da família podem ser abusivas, negligentes ou fragmentadas. Os programas de intervenção requerem técnicos com experiência na avaliação das necessidades das famílias, no desenvolvimento de alianças, na resolução de problemas, na defesa dos direitos familiares (incluindo o apoio social e económico) e em facultar suporte familiar e terapia pessoal ou familiar quando indicado.

No segundo nível da pirâmide estão as relações estáveis e consistentes de que todas as crianças necessitam. As crianças em desenvolvimento necessitam de relações afectivas para adquirir competências emocionais e cognitivas. As crianças com necessidades especiais, que muitas vezes já têm um compromisso da sua capacidade de relacionamento, precisam ainda mais de cuidados afectivos e consistentes. As pessoas que cuidam delas, contudo, têm muitas vezes dificuldade em manter relações íntimas porque é muito fácil não entender os comportamentos ou as intenções do seu filho. O facto de interpretarem os comportamentos do seu filho como tentativas para lidar com as suas dificuldades ou como se sentirem afogados nas suas dificuldades pode muitas vezes ajudá-las nestas interpretações erradas e a ter uma relação mais criativa e empática com o seu filho. Por exemplo, as crianças que são hipersensíveis ao contacto físico podem não estar a rejeitar o conforto e os cuidados dos seus pais quando evitam o toque e choram. Para tais crianças, pode ser importante evitar os toques leves e utilizar uma pressão forte e continuada para ajudar a criança a sentir-se mais segura. Ou, uma criança que agride um bebé que está a chorar pode não ser propriamente agressiva, mas tão

sensível ao som agudo do choro que entra em pânico e quer que o barulho pare. Do mesmo modo, a criança que tem dificuldade em perceber palavras pode sentir-se confusa e evitar a comunicação. Pode beneficiar de imagens ou de gestos para compreender o seu meio ambiente e prever o que se irá passar a seguir nas suas interações com as pessoas que cuidam dela. A criança que evita habitualmente a comunicação ou que se isola e prefere brincar sozinha pode estar a dar um sinal. Pode reagir pouco a sensações, com um tónus muscular diminuído, e necessitar de estímulos mais fortes para sair do seu isolamento.

Para se apoiar as capacidades de relacionamento da criança, é necessário haver tempo, consistência e compreensão. As dificuldades familiares ou as mudanças frequentes de prestadores de cuidados ou de professores podem comprometer as necessidades de consistência da criança que está a aprender a relacionar-se com os outros.

No terceiro nível da nossa pirâmide situam-se as relações consistentes, adaptadas às diferenças e necessidades individuais de cada criança. Os prestadores de cuidados precisam de aprender um grande número de estratégias, que incluem, como acima referido, a estimulação da criança pouco reactiva, a protecção e a tranquilização da criança hiper-activa, a criação de desafios destinados a facilitar um comportamento apropriado e círculos de interacção para a criança que está desorientada, e a facilitação da comunicação gestual e auditiva, assim como da comunicação visual/especial, na criança com problemas graves de processamento auditivo.

No quarto nível da pirâmide, as relações e as interações que delas resultam são adaptadas ao nível de desenvolvimento da criança. Todas as crianças são diferentes: algumas não se relacionam e não têm qualquer objectivo, precisando de ser trabalhadas no sentido de iniciar uma relação e de comunicar intencionalmente; outras têm objectivos mas necessitam de ajuda para a utilização de símbolos; outras ainda utilizam símbolos ou ideias de forma fragmentada ou desorganizada e necessitam de aprender a pensar de forma lógica e abstracta. Em cada nível do desenvolvimento, formas especiais de interacção fazem com que a criança domine esse nível e as capacidades com ele relacionadas.

Na parte superior da pirâmide situam-se as técnicas terapêuticas e educacionais específicas destinadas a promover o desenvolvimento de crianças com dificuldades particulares. Aqui, podem ser implementadas uma série de estratégias, incluindo, por exemplo, uma abordagem interactiva através de brincadeiras no chão (Greenspan, 1992, 1997a), modelos baseados em crianças do mesmo grupo etário (Odom e Strain, 1986; Strain, et al.) e abordagens comportamentais intensivas (Lovaas, 1980, 1987). Para além disto, estas estratégias técnicas podem incluir um trabalho com a família (Barber et al., 1988; Bronfeubrenner, 1986; Dunst e Trivette, 1988; Powell et al., 1992; Robbins et al., 1991; Turnbull et al., 1986), uma dinâmica interactiva (Greenspan, 1992), técnicas comportamentais (Durand et al., 1993; Haring e Lovinger, 1989; Odom e Haring, 1993), o meio social (Ostrosky et al., 1993; Wolfberg e Schuler, 1993), uma abordagem educacional (Bailey e Wolery, 1992), assim como terapias cognitivas, linguísticas (Prizant e Wetherby, 1988), sensoriais ou motoras (Bricker, 1993). Neste modelo, as terapias específicas devem ser construídas sobre os ali-

cerces do desenvolvimento da família, da relação e dos processos interactivos. Também podem ser consideradas intervenções biológicas com o objectivo de melhorar a atenção, o processamento mental e a regulação dos afectos, assim como as abordagens educacionais, nutricionais e as relacionadas com o processamento auditivo.

O modelo integrado da pirâmide leva em conta as experiências fundamentais de que cada criança precisa, sobretudo a criança com necessidades especiais. Estas experiências permitem que a criança se torne um indivíduo afectivo, comunicativo e creativo. Para ser uma pessoa comunicativa, a criança deve adaptar as suas capacidades emergentes ao conhecimento dos seus próprios objectivos, isto é, os seus afectos, os seus desejos e os seus anseios. Neste modelo, portanto, as intervenções específicas devem fazer parte de ou assentam sobre interacções que adaptam as novas aptidões ao sentido de si próprio e dos seus objectivos. Para se atingir este objectivo, pode ter utilidade analisarem-se com mais pormenor os elementos da pirâmide de intervenção no desenvolvimento.

